



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

PIROGA e VALDEVINOS

por ARCINDO MADEIRA
Desenhos do AUTOR

—«Maldita sorte a minha!... Nem um reles ósso me aparece para roer!» Isto dizia, tristemente, o malandrão do Piróga, um vão vadio, amigo da pândega, da boa vida, e inimigo inveterado do trabalho, que chafurdava inutilmente num caixote do lixo, em busca de qualquer coisa para comer.

—«Não posso continuar nesta vida! Qualquer dia dão comigo estendido de papo para o ar; morro de fome. Tenho que achar uma solução para o caso, e o mais depressa possível, senão... estou frito! Mas como?!... Trabalhar? Ora, nem pensar nisso é bom; só por me lembrar do trabalho, já sinto calafrios. Nada, o melhor é fazer como

os bandidos da América. Armo-me com o pistolão grande que herdei do meu avô; espero os viajantes na estrada e depois é só gritar:—Alto lá! Passem para cá toda a massinha que levam, se não querem travar conhecimento com os anjinhos!...»

Resolvidos a pôr em prática o seu maldoso projecto, o Piróga dirigiu-se para casa, ou antes, para o seu miserável tugúrio, uma pipa velha, esburacada (onde a água da chuva entrava sempre que lhe apetecia, mesmo sem a autorização do seu proprietário. Foi imediatamente tirar do seu estófo de telas de aranha o famoso pistolão que acompanhara seu avô nas lutas contra um grupo de «bull-dogs» que pretendia implantar o comunismo na família canina. Piróga, o cão vadio, o malandrão, não sentia escrúpulos em pôr ao serviço de uma causa vil, o nobre pistolão que outrora defendera uma causa nobre.



E' noite, uma noite escura como bréu. O cão valdevinos por detrás de uma grossa árvore, espera os viajantes incautos... Já ali está há uma meia hora sem ver pinguém. Nisto, Piróga ouve barulho, barulho de muita gente!

—«Se são muitos, tanto melhor para mim, mais dinheirinho apanho»; murmura por entre dentes. — E, compondo uma atitude de carrasco, preparou-se para o ataque.

Os passos aproximam-se, ouve-se já, até, a respiração dos desconhecidos. Piróga espregueia, e... mau grado seu, estremece de susto. Muito proximos, vê quatro canzarrões que mais parecem tórres; o seu aspecto não é nada de tranquilizar, pois lembram o daqueles «bull-dogs» comunistas que seu avô combatera, auxiliado pelo pistolão que lhe treme nas mãos. Ainda se lembra de ter visto embalsamado um desses bichos, na sala de visitas do avô. Porém, Piróga, o cão vadio, o valdevinos, não quer deixar os seus créditos por mãos alheias! Enchendo-se de coragem, safu do seu esconderijo e berrou em voz de falsete: — «Patas no ar! E passem para cá a... a...» — não acabou... Uma gargalhada unissona dos quatro matulões, cortou-lhe a frase tão bem ensaiada. E um deles troçou:

— «Com que, então, patas no ar?! Será melhor mas é pedires a chupêta à mamã cadela e passares para cá êsse



(Continua na pág. 8)

AS LIÇÕES DO RUY

Por BÉLINHA



O Ruy tinha um criado preto que o pai trouxera de S. Tomé. Chamava-se Cassóca.

Quando chegou a Portugal, tudo era motivo de admiração para o Cassóca. — O que o branco sabe! O que o branco faz! — Costumava ele exclamar.

O Ruy, que já fizera o exame da quarta classe, deliciava-se a ensinar coisas várias ao preto. Até ali tinha ele passado a vida a ser ensinado pelos pais e pelos professores, mas, agora, — que felicidade! — encontrava alguém que sabia menos do que ele e a quem ele podia por sua vez ensinar.

Um dia, em que estava anunciado um eclipse parcial do sol, o Ruy chamou o Cassóca e disse-lhe:

— «Por volta das onze horas, o dia vai escurecer um pouco. As aves pílilando, hão-de recolher, assustadas, aos seus ninhos. O sol vai desaparecer quasi por completo...»

O nosso Cassóca estava com um medo de palmo e meio. Ele já julgava que era o fim do mundo...

Então, o Ruy desejoso de mostrar a sua sabedoria, explicou-lhe:

— «O que vais presenciar é um eclipse parcial do sol. Um eclipse é um fenómeno. A terra tem movimento próprio, gira em volta de si mesma e em torno do Sol. A Lua à volta da Terra. Devido a estes movimentos succede, por vezes, a lua ficar interposta entre a Terra e o Sol. A Lua rouba, assim, por algum tempo, à Terra, o calor e a luz do Sol.»

Cassóca ouvia, pasmado, de boca aberta.

— «Estás percebendo?»

— «Estás, sim, patrão» — respondeu ele, assombrado.

O Ruy estava contentíssimo por o preto compreender tão bem as suas explicações, e continuou:

— «A ciência prevê todos os eclipses. A astronomia está muito adiantada. Assim este eclipse, que vais hoje presenciar, dizem os astrónomos que começará às 11 horas e 18 segundos. isto é: — às 11 horas e 18 segundos o Sol começará a ficar com uma sombra...»

Cassóca de admirado, arregalou ainda mais os olhos...

— «Ó patrão e... e... e quem é que vai lá acima, dizer ao Sol quando são as 11 horas e dezoito segundo?!?!»

O Ruy ficou descorçoado de todo. Aquele preto nunca percebia nada! Mesmo assim não perdeu a mania de o querer ensinar.

Um dia, o Cassóca perguntou-lhe o que era um prédio em cimento armado, e o Ruy prontificou-se logo a explicar-lhe:

— «Na tua terra, as habitações indígenas são, geralmente, feitas de

canas e de adôbo. Essas construções não oferecem resistência às intempéries, (aqui o Ruy tossiu, achando que tinha empregado um termo muito bonito). De forma que nós, os europeus, adoptamos um tipo de construções que se impõem sobretudo pela sua solidez. As casas, em cimento armado, são feitas com barras de ferro e cimento. O ferro e o cimento têm a mesma dilatação com o calor e, por isso, são materiais que se podem empregar em conjunto. Tu talvez não saibas que o calor dilata os corpos?»

— «Eu não sabe, não, patrão» — respondeu o Cassóca, com aquele seu ar de absoluta ignorância.

— «Pois — continuava o Ruy — o calor dilata os corpos, isto é: fá-los aumentar de volume.»

— «Como é isso, patrão, como é?»

— «E' o seguinte: por exemplo — o ouro, a prata, o ferro, etc., aquecidos, aumentam; quere dizer, ficam maiores.»

Cassóca abriu a boca num grande — Ah! de espanto.

— «Entendeste?» — Perguntou o Ruy.

— «Entendeste, sim, patrão:» — respondeu na sua pitoresca linguagem o preto.

Dai a bocado, o Ruy precisou do Cassóca. Chamou, chamou, mas o Cassóca não aparecia. Correu a casa toda e, por fim, foi dar com ele a um canto do quintal, abanando furiosamente um lume que tinha, por cima, uma frigideira com uma moeda de cinco tostões.

— «Que fazes?» — Perguntou o Ruy, sem compreender.

— «Como o patrão diz que o calor torna os corpos maiores, eu estou a ver se, com o calor, os cinco tostões aumentam para dez escudos...»





por TIA RINO

Passeava D. Burrico
De chapéu, todo a preceito,
Julgando ser ente fino
Ou pessoa de respeito.

Andou, andou sem parar,
A' tóa, num desatino,
Indo, por fim, esbarrar
A' porta de D. Suíno.

— «Boas tardes — (diz o bácoro,
Sentindo o burro chegar) —
E' favor ser delicado
E o seu chapéu me tirar.»

Atrapalhado, o jerico,
Da figura que fazia,
Desculpou-se, dêste modo
Da falta de cortezia: —

Estendeu a pescoceira,
Os olhos arregalou,
Deu a pata dianteira,
Mas o chapéu... não tirou.

D. Suíno arreliado
Por tão grande estupidez,
Olha o burro, de soslaio,
E diz-lhe, assim, com rudez:

— «Senhor!... Ser burro... é vulgar...
E pócoro... também o é:—
Agora tólo, inda asno,
Só bruto como você!...

F I M

Do livro em preparação:

«INFANTILIDADES

OBEDIÊNCIA

por JOSINO AMADO

Dos deveres que a inocência
Deve praticar na escola,
E' o chamado obediência,
Que mais o mestre consola.

Pronto sentimento ledó,
Que espontâneo gera o amor,
É nunca filho do medo,
Do castigo, do temor.

Êsse dever peregrino,
Quando nasce da afeição,
E' chave de todo o ensino,
E' alma da educação.

No cumprimento consiste
Das ordens dos superiores,
Sempre alegre, nunca triste,
Sempre risos, nunca dores.

Por isso de hoje ao futuro,
Portuguesa juventude,
No vosso coração puro
Cresça tão linda virtude!

O Ruy ficou desesperado.
— «Não há meio dêste preto entender coisa alguma! Não fica percebendo nada do que eu, com tanto trabalho, lhe explico!»

Nessa noite, os pais do Ruy tinham visitas para o jantar. O Ruy estava mortinho por que os convidados chegassem. Chamou o Cassóca e disse-lhe:

— «Vai à sala vér se já lá está alguém?»

— «Quem, patrão, o senhor Alguém?»

— «Não é isso, homem! «exclamou, já aborrecido, o Ruy. E lá começou a explicar-lhe:»

Quando se pergunta se está lá alguém, é a perguntar se está lá alguma pessoa... seja que pessoa fór, uma qualquer... Portanto «alguém significa uma pessoa. Se não esciver lá pessoa nenhuma, tu vens dizer que ainda não está lá «ninguém». Compreendeste?»

— «Compreendeste, sim, patrão.»

Cassóca foi, pé ante pé, espreitar pela fricha da porta da sala, e voltou de lá aos pinotes, chamando:

— «Patrão... patrãozinho...»

— «Então, está ou não está?»

— «Está, sim, patrão. Já lá estão seis ninguém!»

O Ruy até arrancou uma mão cheia de cabelos, arreliado com a estupidez daquele preto.



PERIPECIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

POR ISABEL AREOSA
DESENHOS DE ARCINDO

Tobias-filósofo é um sábio mas muito distraído.

Anda todo o dia absorto nos seus estudos de astronomia e por isso, às vezes, vê as «estrelas» e está sempre na «lua», porque anda constantemente preocupado com os outros mundos espalhados pelo céu.

Uma vez, foi convidado para jantar fóra. Foi jantar de gala que meteu «faison doré», galinhola, «foie gras» e caviar, coisas que o nosso sábio não costumava papar. Foi tal a pançada

que apanhou, que mal à rua chegou, aí o temos nós:

—«Groolgroolgoógróó...»

Tudo cá para fóra! Ora, ora!

Muito enjoado, voltou a cara para o lado e tirou o lenço da algibeira para limpar a boca da sujeira.

Veio, nesta altura, um gato, destes sem eira nem beira, que vivem pelos telhados e andam sempre esfaimados. Começou a farejar o achado, enquanto Tóbias, muito intrigado, dizia de si para si:

—«O que me teria feito mal?!»

Olhou para o lado e viu o gato misturado com o que tinha despejado, e disse com os seus botões:

—«Esta só a mim me acontece! Deixei a memória em casa... Ora eu comi galinhola e outros pássaros de gaiola; comi «faison doré» ou lá o que é, comi caviar até fartar... agora gato é que eu não me lembro de me terem servido e de eu ter comido!».

Fixou a vista no chão e tornou a considerar:

—«Cá estão os alimentos todos que comi:—a galinhola e os outros pássaros de gaiola, o caviar e o «foie gras» de pato; está tudo bem esmoldo... Agora este gato... porque é que o não teria eu digerido?!... Já sei! Foi o animal que me fez mal e me pregou esta indigestão. Vou matá-lo dum repelão!»

Agarrou-o pelas orelhas e estorcegou-lhe as guelas. Mas o bichano assanhou-se e, com garras e dentes, agatanhou o nosso filósofo e foram tais as arranhadelas que, desta vez, Tóbias-filósofo viu as «estrelas».

Doutra vez, o nosso Tóbias-filósofo ia dar aula. Mas o seu pensamento pairava no firmamento. Calçou uma meia e, distraído, calçou a outra no mesmo pé, por cima da primeira, que já tinha metido. Depois vá de procurar a outra. Procurou, procurou... e não a achou.

—«Onde a terei eu metido?!»

Desarrumou as gavetas, remeceu as papeletas, viu debaixo da cama e do canapé sem conseguir achar a meia do outro pé.

Não foi dar aula nesse dia, porque, por causa da astronomia, não se lembrou das duas meias que calçara no mesmo pé, uma por cima da outra, e, como só tinha aquele par, não sabia como resolver aquele precalço, porque não podia sair descalço e, assim, também, não podia andar...

E não safu à rua porque, nesse dia, andava mesmo na «dua»...

Tóbias usa uma pasta e óculos, como é uso dos filósofos. Como é muito miope, não vê nada sem os óculos e com os óculos pouco mais vê. Por isso,





CHUVA de OIRO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

- «Mãi, que é aquilo, além, para lá das janelas dêste prédio fronteiro, a brilhar, a brilhar?!...»
- «São as constelações... os astros, as estrêlas.»
- «E esta gema tão linda?!...»
- «E' a lua... o luar.»
- «Lembra fôgo de vista!... E aquilo, aquilo ali, que parece tal qual um rubi?!»
- «Um farol!».
- «E êsse topázio, Mãi, que hoje, de tarde, vi a rebrilhar no céu?!»
- «Esse topázio: — o sol!»
- «E as pérolas que eu vi, translúcidas, tão finas, ontem, de manhã cedo, ao passar pelo atalho, cobrindo a relva tôda, as urzes e as boninas... Mãi, que pérolas são?!»
- «As pérolas do orvalho.»
- «E esta chuvinha de oiro, êstes vivos brilhantes, tremeluzindo, olhai... e dando a claridade às casinhas que vejo além, além, distantes... Mãi, que brilhantes são?!»
- «As luzes da Cidade.»
- «E a quem pertence, ó Mãi, esta enorme riqueza, estas jóias sem par, de tão grande valor?!»
- «A todos nós, meu filho; à Vida, à Natureza.»
- «E quem tudo isto fez?!»
- «Foi Deus, Nosso Senhor.»

uma vez que tinha saído todo aperaltado, com o fato novo, acinzentado, para fazer uma conferência na Sociedade da Dona Vicência, deu com os olhos num letreiro pendurado no cimo dum candeeiro. Aproxima-se e não conseguiu ler a tabuleta. Aproximou-se mais mas era o mesmo! A sua vista muito ceguêta, não alcançava os dizeres da tabuleta. E para um espirito investigador, como o dêle, era mesmo arrelizador seguir caminho sem ler o que ali estava escrito.

Como era ágil, resolveu preparar ao candeeiro. Quando lá chegou a cima e leu, finalmente, as palavras escritas na tabuleta, abriu os braços, muito espantado, e veio cair no chão estatelado.

E' que a tabuleta dizia assim:
— «Cuidado com a pintura do candeeiro. Está pintado de frêsko».

Foi tal a comoção quando viu o fato novo manchado de tinta, todo estragado... que ficou desmaiado, em desmaio tão profundo que, desta vez, Tóbias esteve quasi a marchar para o outro mundo...



ANEDOTAS

por MANUEL FERREIRA

- «Conheci um homem que esteve, certa vez, meia hora debaixo de água...»
- «Isso não é nada! Um conheci eu que esteve uma hora no fundo do mar, com o relógio na mão!»
- «Pois eu ainda vi uma coisa mais rara. Vi um burro cair ao mar, já há um ano, e ainda não voltou cá acima!»

Um algarvio e um andaluz contavam as maravilhas que tinham visto nas viagens. Dizia o andaluz:

- «Vivi, na América, numa casa tão alta, que, à noite, tínhamos de abrir as janelas para deixar passar a lua.»
- Respondeu o algarvio:
- «Isso não é nada! Pois eu vivi noutra, em que a gente, quando queria ver o céu, tinha de olhar para baixo!»

Os mesmos mentirosos discutiam, certa vez:

- Na cathedral da minha terra —

(Continua na página 8)

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas abelhinhas

Estes dois ramos, modernos e exóticos, vão prestar-se a inúmeras aplicações para os nossos trabalhos.

O primeiro pode ser simplesmente bordado com qualquer dos nossos conhecidos pontos ou, se preferem, feito com linho ou feltro, de cores, aplicados.

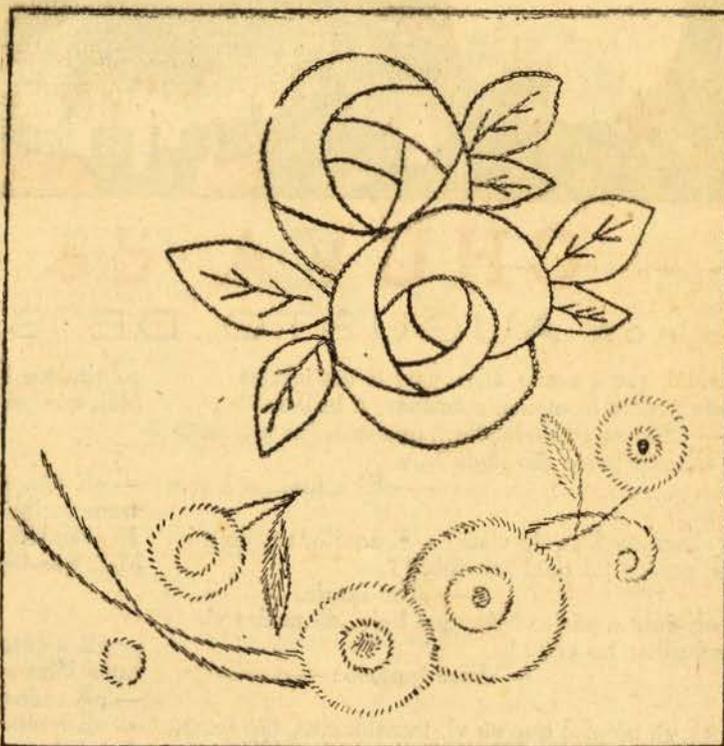
Sendo assim, passa-se o desenho para o tecido em que se pretende aplicar e alinhava-se este ao tecido que se vai bordar.

Borda-se, então, cada côr por sua vez e, logo em seguida, recorta-se para poderem aplicar, devidamente, as cores que se vão seguindo.

Nêste caso, faremos o ponto de recorte.

O segundo ramo fica muito interessante feito com os pontos passados... Mas... cuidado! É preciso fazê-los muito bem feitos, pois eu não quero que as minhas abelhinhas façam um ramo de flores arrepanhadas!

Abelha Mestra



A «RUSSITA» e o «MANICO»

Por ALBERTO NEVES

Era uma vez um jerico,
Bonito,
Que se chamava Manico;
E vivia numa quinta
com uma égua velhinha,
Essa égua,
Que se chamava Russita,
Era linda,
Muito bela,
Era bonita...
Muito amiga de Manico;
E este, também,
Era tão amigo dela,
Que até lhe chamava «mãe»!

Um dia, o Senhor Miguel
— Dono dos dois animais —
Embora não fôsse mau,
Mas porque era pobrezinho
Pensou:
— Ná!



Já tanta palha, é demais,
Vou mas é vender Russita,

Já é velha,
Já não pode fazer nada,
Jamais poderá ser útil...»

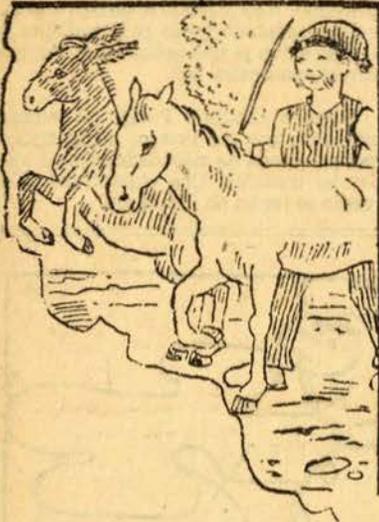
Então, Manico, que o ouviu,
Enguliu...
Dizendo lá para si:
— «Mas que enorme ingratidão!
Oh, meu Deus! Eu não pensava
Que fôsse assim
O meu patrão!
...Quási chega a ser ruim!
Ah, pobre mãe!»
E aproximando-se dela,
Pôs-se, chorando, a dizer:

— «Ouça cá, mãezinha, ouça...
— Nosso dono quer vendê-la;
E eu que sou tão seu amigo!
— O que havemos de fazer
Para evitar êsse perigo?»

A Russita respondeu :
 — «Deixa lá, Manico; eu
 Não me importo... apenas sinto
 Muitas saudades de ti...»
 Então, cheio de tristeza,
 O Manico, respondeu :
 — «Ai, meu Deus, eu cá, sem si,
 Mörro, mörro, com certeza.»

Decorreram alguns meses.
 Russita tinha engordado...
 O Senhor Miguel, então,
 Foi levá-la a uma feira...
 Mas, Manico, sem canseira,
 Queria evitar a venda...
 E logo que ela saíu,
 Mais o dono, da cocheira,
 O Manico,
 Suavemente sorriu,
 Dizendo :
 — «Irei à feira sòzinho...
 Minha mãizinha,
 Ai, não há de ser vendida,
 Aposto até minha vida!»

E, quando, já lá na feira
 Da Malveira,
 Senhor Miguel discutia



O negócio da Russita,
 Aparece o bom Manico,
 A suar
 E a soluçar.

O Senhor Miguel, ao vê-lo,
 Ficou tão surpreendido,
 Admirado e surpreso,
 Que até abriu muito a bôca!
 E ao reparar que Manico
 Estava tão comovido,
 Com o peito alvoroçado...
 O bom do Senhor Miguel
 Compreendeu logo tudo...
 Diz, imediatamente,
 Ao negociante :

CONCURSO GRANDES de PORTUGAL



75

Navegador incansável,
 Sem temer ondas nem ventos,
 Foi um dos muitos heróis
 Dos nossos descobrimentos.

Ele é que foi navegando
 Ao Zaire a primeira vez
 E, vibrante de alegria,
 O fez ficar português.

Ele é que a costa de Angola
 Primeiro foi percorrer
 E viu as coisas formosas
 Que Africa nos deixa ver.

Foi um dos que muito honraram
 A nossa terra imortal,
 Espalhando, pelo mundo,
 O nome de Portugal.

Por onde quer que passava,
 Ficava um luso padrão.
 Serviu D. João II...
 Chamou-se

Por não terem sido publicadas, na devida altura, as figuras 75 e 76 fazemo-lo hoje.

— «A-final
 Tenha paciência, amigo! —
 Eu já não vendo o animal.»
 Então, de regresso a casa,
 Senhor Miguel, o Manico,
 E a tão formosa Russita
 Vinham sorrindo, contentes...

— O Senhor Miguel, contente
 Por ter um burro tão bom,
 Tão esperto e inteligente...



76

Querendo D. João II
 A famosa Índia encontrar,
 Mandou homens à procura
 Pela terra e pelo mar,

Daquele reino famoso
 Do grande Prestes João,
 E dois heróis sem demora
 Tal mandado cumprir vão.

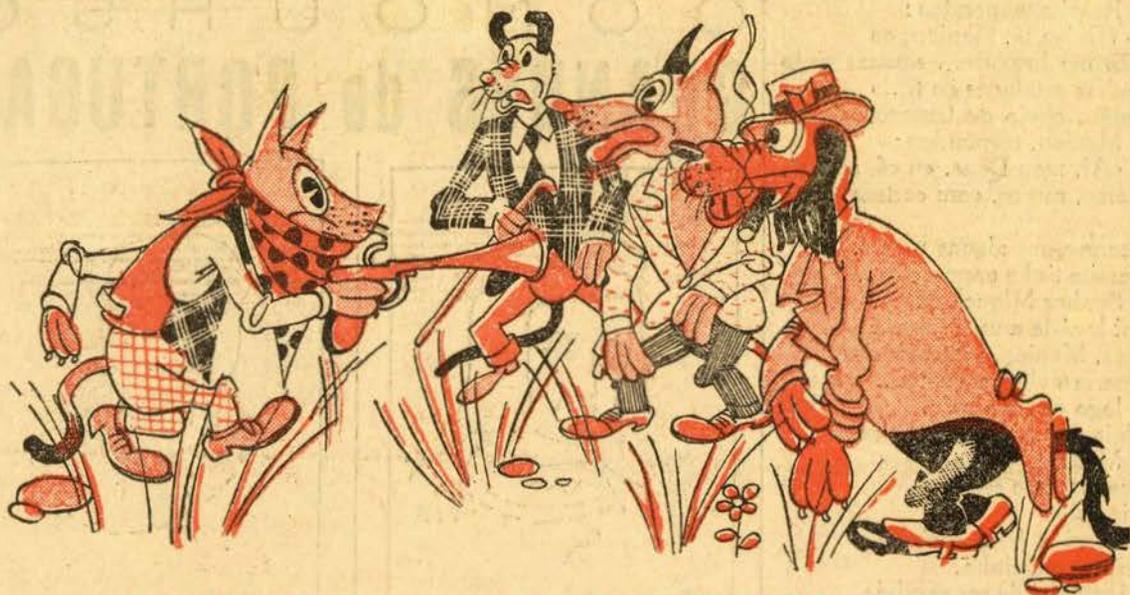
Por mar Bartolomeu Dias,
 De mil perigos cercado,
 Dobrou o cabo famoso
 Que de Esperança é chamado.

E por terra, o outro herói;
 Encontrou Prestes João :
 A tão famosa Abissínia
 Reino negro mas cristão.

Fez do rei um nosso amigo
 Mas com amizade sã.
 E por lá viveu. Este homem
 Foi

O burro — o belo Manico —
 Radiante, porque, enfim,
 Alcançara o seu desejo...
 Russita, feliz por ver
 Que, afinal, o seu patrão
 Não era ingrato ou ruím...
 E, também, muito contente
 Por ficar junto ao jerico...

— E eis, meus meninos, a história
 Da Russita e do Manico.



PIROGA e VALDEVINOS

(Continuação da página 1)

brinquedo, enquanto to não faremos engolir».

Ao mesmo tempo que dizia isto, o canzarrão arrancou-lhe o pistolão das mãos.

O nosso Piróga, agora mais amarelo que um canário, sentia desejos de se sumir pela terra dentro e pensou lá para consigo:

—«Final, isto de ser salteador não tem piada; mesmo nenhuma piada!...» Não teve tempo de pensar em mais na-

da porque os quatro assaltados, transformados em assaltantes, lhe caíram em cima à dentada, só o largando quando o pobre Piróga, de papo para o ar e todo ensangüentado, não dava já acórdo de si. Teve sorte, porque uma cadela velhota, com bom coração, que por ali passou, se apiedou dele, e, levando-o para a sua choupana, lá o tratou.

O valdevinos, malandrão, aproveitou a lição, pois, daí em diante, tornou-se um cãozinho útil e trabalhador, aju-

dando nos trabalhos da casa a velhota que o recolheu.

E' verdade que, ao princípio, era por gratidão, mas depois, a pouco e pouco, foi tomando gosto pelo trabalho e o caso é que já não podia estar sem fazer alguma coisa útil.

Como o cãozinho Piróga há muitos meninos, que são ralaços e mandriões porque ainda se não dedicaram a valer ao trabalho. Ora experimentem e verão se tenho ou não razão.

ANEDOTAS

(Continuação da página 5)

(começou o andaluz) — o altar tem tantas velas que o sacristão leva a acendê-las mais de uma semana.»

—«Olha a grande coisa — (respondeu o algarvio.) — Na Sé de Faro há uma lamparina tão grande, que o sacristão, quando a quer acender, tem de andar de barco em cima do azeite!»

Passava um preto, montado num burro. Um branco troçou-o:

—«Então, você não tem vergonha de ser preto e ir montado num burro branco?»

—«Si, sío. Preto não ter culpa de que o burro seja branco e de que branco seja burro.»

Uma criada diz para o patrão:

—«Está lá fóra um sujeito que diz que o senhor está à espera dele...»

—«Ah! já sei! E' um preto, não é!»

—«Isso não me disse ele...»

ADIVINHA

Meus meninos:

Este magala prepara-se para tirar o retrato, mais a sua sopeirinha. O pior é que esta se não vê e se não tratarmos de a procurar, o pobre fotógrafo ambulante vê-se-á em sérios embaraços. Portanto, vamos lá ajudar o homenzinho.

